



## “QUEM TEM MEDO DO FEMININO? ”: REFLEXÕES SOBRE O MEDO DO CONTATO COM O FEMININO ATRAVESSADAS PELA NARRATIVA DE LILITH

Beatriz Pinheiro Bezerra, Vanessa Maria Gondim Augusto, José Clerton de Oliveira Martins, Maíra Maia de Moura



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p1507-1528>

Artigo recebido em 10 de Julho e publicado em 20 de Agosto de 2025

### REVISÃO DE LITERATURA

#### RESUMO

O projeto visa compreender qual o medo que existe do contato com o feminino na contemporaneidade e como ele pode ser compreendido através da representação de Lilith, compreendendo que existe um medo do feminino nas relações sociais e psicológicas e que pode ser analisado através da narrativa de Lilith. Para tanto, para a discussão do assunto, serão abordados os contextos culturais e históricos do feminino, entrelaçando-os com a percepção do medo na representação arquetípica de Lilith e como este se apresenta na atualidade. Dessa forma, a pesquisa proposta baseia-se na pesquisa qualitativa de paradigma junguiano, de ordem bibliográfica, buscando como base teórica a psicologia analítica e em obras ligadas ao tema do feminino, sendo os principais autores abordados Faur (2011), Campbell (2020), Jung (2000), Lang (2001) e Koltuv (2017).

**Palavras-chave:** Feminino. Medo. Lilith. Psicologia Analítica.



## “WHO’S AFRAID OF THE FEMININE? ”: REFLECTIONS ON THE FEAR OF CONTACT WITH THE FEMININE THROUGH LILITH’S NARRATIVE

### ABSTRACT

This project aims to understand what is the fear of contact with the feminine that exists in the contemporary times and how it can be understood through the representation of Lilith, understanding that there is a fear of the feminine in social and psychological relationships and that it can be analyzed through Lilith's narrative. Therefore, for the discussion of the subject, the cultural and historical contexts of the feminine will be approached, intertwining them with the perception of fear in Lilith's archetypal representation and how it presents itself today. Thus, the proposed research is based on qualitative research of Jungian paradigm, of a bibliographic order, seeking analytical psychology as a theoretical basis and in works related to the theme of the feminine, the main authors being approached are Faur (2011), Campbell (2020), Jung (2000), Lang (2001) and Koltuv (2017).

**Keywords:** Feminine. Fear. Lilith. Analytical Psychology.

Instituição afiliada – Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Autor correspondente: Vanessa Maria Gondim Augusto [vanessaqondim.psi@gmail.com](mailto:vanessaqondim.psi@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

Ao iniciar meus estudos na universidade, comecei a ter contato com as mais diversas mulheres com entendimentos divergentes sobre o feminino e com vivências diferentes. Em um certo momento, depois de 1 ano de curso, me vi em uma roda de conversa apenas com mulheres onde todas fomos colocando nossas questões, revoltas e lutas. Naquele momento, independente de qualquer diferença, parecia que nossas questões tinham um fio em comum, nos sentimos conectadas e aquela conexão tornou a relação das pessoas presentes muito mais intensa.

Após 3 anos, comecei a estudar as obras de Carl Gustav Jung e me aprofundar em suas questões. Então, novamente, deparei-me com o tema do feminino. Ao iniciar minha leitura sempre buscava compreender mais do feminino para a Psicologia Analítica, assim, me deparei com o livro “Prostituta Sagrada” (2019) de Nancy Qualls-Corbett. A leitura do livro trouxe uma mudança de visão e de entendimento do que chamamos de feminino hoje, do que ele foi e do que ele pode acrescentar em nossa vida. Diante disso, meu interesse pelo feminino e suas interpretações foi despertado.

O tema do feminino sempre foi algo dúbio na cultura: falado e tratado ora como perigo, ora como um acalento. Das deusas que traziam vida, às bruxas que eram o símbolo do que existia de ruim, as mulheres sempre foram colocadas em uma posição em comum: a de mistério. Oliveira (2005), mostra que o culto ao feminino é um dos mais antigos que se tem registro e que o modelo social primitivo existia uma sociedade centrada na mulher, mas não obrigatoriamente sendo governada por ela, esse tipo de modelo é chamado “matrifocal” ou “matricêntrico”. Eram sociedades nômades, agrícolas, ligadas à natureza, cooperativas e pacíficas, não existindo registros de que existisse alguma diferenciação de status baseada no gênero. Qualls-Corbett (2019), traz que a mudança de foco da sociedade agrícola para o comércio, juntamente com a expansão de território, resultou em uma transformação gradual do padrão existente, dando início ao patriarcado. Naranjo (2006), apresenta que o patriarcado possui valores como violência, competitividade, distanciamento entre o indivíduo e a natureza.

O estabelecimento da guerra, da hierarquia patriarcal, da linhagem patrilinear, do modelo de castas e da posse de todos os bens pelos homens, findou na subordinação



e dominação das mulheres. Assim, Faur (2011) exhibe que a mulher, que era tida durante a sociedade matrística em uma relação de parceria, começou a assumir uma posição de ameaça, dando lugar a uma competição velada com seus “mistérios” (partos, curas, contato com os espíritos). Logo, o feminino acaba sendo posto apenas como o oposto do masculino e não mais como complementação de polaridades. Com isso, tudo que era ligado ao princípio masculino obteve valoração positiva e as coisas relacionadas a mulher foram assemelhadas a perigo e imperfeição.

Atualmente, por meio de um movimento de oposição a essa situação, que foi fomentado durante anos de opressão, as mulheres começam a buscar a igualdade e cooperatividade, nascendo o movimento feminista. Segundo Pinto (2010), o feminismo não traz só a necessidade de um novo espaço para a mulher na sociedade, mas pede também por uma transformação na forma de relacionamento entre homens e mulheres.

Ademais, o movimento feminista vem conseguindo grandes conquistas como o direito ao voto, a educação, o controle da reprodução, entrada no mercado de trabalho, bem como, o crescimento na busca e interesse sobre o tema e tudo que o engloba, trazendo as suas questões a debate. Transformando-se em um tema mais visto, discutido, escutado. É necessária a produção de estudos e de matérias sobre as questões que envolvem o tema para auxiliar no processo de relocação que o feminino tem diante da sociedade patriarcal. Evidenciando, assim, a busca por restabelecer um contato com o feminino.

Toda a busca, acolhimento e voz dados ao tema, traz uma contraposição que cada vez mais evidencia uma violência contra a mulher: falas pejorativas, ofensas, recriminações, abusos. Dados da empresa jornalística BBC mostram que em 2018, 22 milhões (37,1%) de mulheres brasileiras passaram por algum tipo de assédio e 1,6 milhões de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento (FRANCO, 2019). Existe uma narrativa de ódio, uma repreensão desesperada, como se ao deixar essas questões fluírem se permitisse que novamente a “Pandora abra a caixa”.

Desse cenário de polaridades em conflito, nasceram questionamentos que resultam em uma pergunta que será o ponto de partida para esta pesquisa: qual o medo que existe do contato com o feminino na contemporaneidade e como ele pode ser



compreendido pela representação feminina da narrativa de Lilith? Neumann (2000) traz em seu livro “O medo do feminino” elucidando de que o medo do feminino teria início após a relação mãe e bebê no primeiro ano de vida, quando a mãe, relacionada com o feminino, deixa de ser a provedora de segurança e passa a apresentar-se como dificultadora do desenvolvimento necessário. Assim, o arquétipo da mãe aparece em uma perspectiva de “o terrível” e o seu oposto, arquétipo do pai, torna-se dominante, e essa seria a origem desse medo.

Buscaremos compreender como esse medo pode ser percebido através de algumas representações femininas, entendendo essas representações como imagens arquetípicas. No livro, “Os arquétipos e o inconsciente coletivo” (2000), Jung traz a teoria do arquétipo ligada diretamente com o inconsciente coletivo, que se apresenta enquanto uma estrutura organizadora que serve de forma onde deposita-se o conteúdo externo, categorizando-os em imagens psíquicas e narrativas comuns socialmente. Logo, enquanto é coletivo, é individual, ou seja, não temos acesso ao arquétipo em si e sim às representações arquetípicas que se formam diferentes para cada pessoa. Assim o conteúdo é individual, porém possui a mesma forma coletiva, são possibilidades.

As representações arquetípicas estão sempre presentes em mitos e contos recebendo a nomeação de temas ou motivos. É uma forma de, através das histórias tentar entrar em acordo com o mundo, para harmonizar nossas vidas com a realidade (CAMPBELL, 1990). Campbell (1997), traz que o mito desde os povos primitivos era tido como um símbolo do caminho de unificação, assim:

Os mitos, por conseguinte, da forma como ora nos chegam, e da forma como se decompõem para deixar que seus temas fecundos se dispersem e se acomodem nos materiais do conto popular, são os propiciadores da sabedoria que levou a raça humana através das longas vicissitudes de seu curso (CAMPBELL, 1997, p. 46).

Assim, para elucidar a discussão, será trazida a história de Lilith. Sua narrativa não é encontrada no Cristianismo, como uma forma de adequar a bíblia aos valores culturais e morais de uma determinada época, e sobrevive nos textos da religião Judaica (LARAIA, 1997) possuindo registros no Talmude hebraico (6 a.C.). Lilith, seria a primeira mulher de Adão, não é um mito épico, mas cosmogônico, Lilith e Adão integram o andrógino primordial. Ela teria sido criada a partir do barro e seria então igual a ele



(SILVA, 2012), logo queria os mesmos direitos de Adão, um dos exemplos foi não aceitar o fato de apenas ela ficar por baixo dele durante o ato sexual pedindo para assumir também uma posição dominante durante o ato sexual. Como o pedido não foi atendido, decidiu fugir para o Mar Vermelho. A história fala da insubordinação diante da inferioridade posta pelo masculino e sobre a busca de igualdade, mudança e revolta (MACHADO, 2013).

Após seu ato de rebeldia, Lilith é transformada em um demônio, uma mulher sedutora, de longos cabelos, que voa à noite como uma coruja, ataca homens e recém-nascidos (LARAIA, 1997). Mostrando o feminino como ameaçador, demonizado e desvalorizado, mostrando-a como a revoltada e rejeitada (JESUS, 2009). Atualmente, Lilith foi resgatada como um símbolo da instintividade feminina, tendo seu significado demoníaco e ameaçador mudado para o de luta pela igualdade e identidade feminina. Ou seja, como a mulher que não aceita submeter-se a um estado de invalidez perante o homem (SILVA, 2014). Em Santa Catarina, um Núcleo de Pesquisas em Direito e Feminismo nomeou-se como Lilith, justificando sua escolha pela representação da história:

Vimos o símbolo de Lilith representando as mulheres que possuem e buscam conhecimento e, a partir disso, liberdade, e que se posicionam para apontar formas de convivência que não respeitem a sua existência e as suas potencialidades. Assim, como uma representação das mulheres que se insurgem contra valores e condutas que firam a sua dignidade e a dignidade coletiva. Lilith representa, assim, a figura da insurgência (LILITH - NÚCLEO DE PESQUISAS EM DIREITO E FEMINISMO, 2016).

Como forma de promoção de intimidade com a natureza instintiva, faz-se necessário compreender as histórias como se as vivenciássemos por dentro, ao invés de considerarmos alheias. Assim, ouvindo-a pela porta da escuta interior (ESTÉS, 2018).

## **METODOLOGIA**

Nesta pesquisa será realizado um estudo qualitativo, bibliográfico e orientado pelo paradigma Junguiano. Minayo (1992), mostra que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, mostrando interesse na parcela de realidade que não pode ser quantificada. Isto exhibe que, esta modalidade de pesquisa explora um universo



de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que condiz com a camada mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. De encontro a isso, González Rey (2005), alega que esse método se direciona aos processos constituintes da subjetividade, em que seus elementos envolvem diferentes partes de um todo e que sofre alterações diante do contexto, sendo um assunto complexo.

Fernando (2014) *apud* Minayo (2010), traz a ideia de que esta abordagem procura elucidar processos sociais que não são do conhecimento mais amplo e assim, possibilitar a elaboração de novos conceitos, abordagens e categorias relativo ao fenômeno em questão.

A pesquisa bibliográfica perpassa a quase todos os trabalhos de alguma forma, é realizada através de materiais já elaborados, em sua maioria livros e artigos científicos (GIL, 2008, p 50). “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 185).

A busca bibliográfica foi feita através de livros, teses, artigos científicos relacionados ao feminino. Sendo utilizado livros dispostos pela universidade e bases de dados virtual e online, com procura em periódicos disponíveis em sites de universidades, Google Acadêmico e Scielo, selecionando através de ligação com as palavras: Feminino; Medo; Arquétipo; Lilith; Matrística.

De encontro a isto, a investigação em um paradigma Junguiano considera os fenômenos em seu âmbito pessoal e coletivo, desde que seja coberto de valor simbólico. Assim o processamento simbólico pretende desvendar, enriquecer e aprofundar os significados velados do símbolo para integrá-lo na consciência (PENNA, 2004).

Segundo, Penna (2005) *apud* Luna (1996), o método de produção de conhecimento científico, então, significa entrar em um processo no qual o principal alvo é a aquisição de um conhecimento novo e relevante, tanto em relação ao coletivo quanto no referente ao autoconhecimento do pesquisador.

O objeto de pesquisa como um símbolo constela a necessidade de conhecimento do pesquisador. As forças numinosas do símbolo instigam e capturam a consciência do pesquisador, mobilizando-o em direção ao desconhecido – esta é a motivação básica da investigação (PENNA, 2005, p.



130).

Como critério de inclusão temos autores de referência que dialogam com o tema, reportagens que trazem dados sobre o tema do feminino, usando a base de dados da Scielo, Google Acadêmico, e bases de universidades online, usando como palavras-chave: Feminino; Medo; Arquétipo; Lilith; Matrística. Como critério de exclusão temos textos que são de língua estrangeira.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Mulheres da natureza e Homens das cavernas**

O primeiro elemento de culto do homem foi a terra, ela era a mãe das coisas vivas, dos frutos, dos animais e do homem, e ao fim do ciclo volta-se para a terra, tornando-a responsável pela morte (FAUR, 2011). De modo igual, a Mãe Terra é a forma mais antiga da Deusa. A Mãe Terra abarca tudo que está ao redor e é a agente de todas as transformações (CAMPBELL, 2020).

No nível mais elementar, portanto, a Deusa é a Terra. No próximo nível, arcaico, ela é o céu que nos circunda. No nível filosófico ela é mǎyā - as formas sensíveis, às limitações dos sentidos - que de tal modo nos encapsula que todos os nossos pensamentos se dão dentro dos limites dela: ela é isso. A Deusa é a fronteira última da consciência no mundo do tempo e do espaço (CAMPBELL, 2020, p.51).

Von Koss (2000) *apud* Magalhães (2017), traz que os povos arcaicos contam sobre o surgimento do mundo a partir da Grande Deusa Criadora, ao mesmo tempo útero e força geradora do universo. Não possuía características identificáveis. Compreendemos, à vista disso, que essa deusa era uma força que retratava o absoluto, a totalidade, o feminino e o masculino, o tempo passado, presente e futuro, a força vital do cosmo que se encontra em todas as coisas.

Na antiguidade, na Idade da Pedra, a sociedade era baseada em tribos coletoras e caçadoras. As mulheres colhiam e pegavam pequenos animais e os homens caçavam e lutavam corpo a corpo, pois o arco e flecha não haviam sido criados ainda. Assim, os artefatos encontrados referentes à mulher e à deusa, não foram descobertos entre as pinturas das cavernas, que eram locais de rituais masculinos, mas nos locais de abrigo e moradia daquela civilização. Ocorreu uma formação social, que além da separação



biológica, traçou direções diferentes para cada gênero (CAMPBELL, 2020).

Desse modo, há a mitologia dos povos agrários (onde a Deusa era associada primeiramente) e a dos povos nômades que traziam a mitologia dos deuses masculinos. Associando o homem ao matar e a mulher à promoção da vida. Com o desenvolvimento da agricultura e a domesticação de animais, a preocupação com o cultivo cresceu. A mulher que era ligada à terra através de sua magia natural de dar a vida e nutri-la, ocupou um maior lugar de prestígio ao mesmo tempo em que a Deusa tornava-se central na mitologia (CAMPBELL, 2020).

O modelo de sociedade vigente era chamado de Matrística, tinha base na cooperação e a valorização igualitária do feminino e do masculino em uma relação de parceria (EISLER, 2007). Eram agrárias e pacíficas, eram pautadas pelo respeito e veneração a vida, pela união e interação. Não resultaram em um predomínio do feminino ou de um sistema patriarcal, pois essas culturas espelhavam a crença na “teia cósmica” dirigida por leis naturais e pelo convívio pacífico entre os seres, já que eram filhos da mesma mãe (FAUR, 2011).

Com a passagem da sociedade de coleta para a de caça uma nova estrutura social começou a prevalecer, chamada de patriarcado. Havia um predomínio da valorização da força física e habilidade de tirar a vida possuindo maior valorização do que gerar e cuidar dela, características femininas. Jovens eram treinados para mostrar agressividade e instinto de dominação, seus rituais eram repletos de competições, provocações e incisões corporais. Assim, os homens se tornavam cada vez mais orgulhosos de sua força e seu poder de tirar vida (FAUR, 2011). A guerra, o comércio e a expansão se tornaram o centro da sociedade (QUALLS-CORBETT, 2019).

Campbell (2020), conta a lenda primitiva de que a origem do poder mágico residia nas mulheres. Os homens, então, assassinaram todas as mulheres, mantendo vivas apenas as mais novas que não haviam aprendido ainda o que suas mães sabiam, e assim o homem se apropriou do conhecimento sobre a magia. Nessa lenda, pode-se observar a vitória do princípio masculino sobre o feminino. Observa-se, ainda, que através da adoração de uma divindade masculina ou feminina podemos observar a forma de enxergar o mundo, ou seja, um sistema existencial de valores no qual um gênero arquetípico prevalece sobre o outro quanto a importância psicológica, fazendo-



se determinantes na maneira de ser, agir e pensar para homens e mulheres (WHITMONT, 1991).

O patriarcado provocou um desequilíbrio, considerando que o sistema de igualdade entre homens e mulheres foi rompido. A mulher passou a ser tida como menor e incapaz em relação ao homem, e foi instaurada uma relação de domínio do masculino sobre o feminino, acarretando no mal-estar social vivido nos dias de hoje (NARANJO, 2006).

Na visão dualista e patriarcal, houve uma distribuição desigual de valores; tudo o que era bom, nobre, valioso, luminoso, benéfico, coerente, fixo, racional e mensurável foi atribuído ao princípio masculino e aos homens, criados à semelhança do Deus imutável e transcendente. As energias mutáveis da Natureza e da mulher tornaram-se sinônimos da imperfeição, do perigo e do instinto selvagem e irracional, que devia ser dominado e controlado (FAUR, 2011, p. 28).

Dessa forma, foi designado às mulheres a associação à escuridão, ao pecado, ao mal, à luxúria, à irracionalidade, à impulsividade, à imprevisibilidade, à inconstância e às ameaças carnis e sexuais. Assim, o contato com o feminino foi tornando-se algo aversivo, algo distante para mulheres e homens.

### **Aspectos simbólicos**

No início, segundo Jung (2000), o conceito de inconsciente era referente exclusivamente a conteúdos reprimidos ou esquecidos. Freud trouxe que o inconsciente seria um local de estadia desses conteúdos, sendo algo de natureza estritamente pessoal. Jung (2000) nomeia essa camada, superficial do inconsciente de inconsciente pessoal, e essa estaria sob uma camada mais profunda, de inconsciente coletivo. Os conteúdos do inconsciente coletivo não estiveram jamais na consciência, logo não foram adquiridos de forma individual, quer dizer “estamos tratando de tipos arcaicos - ou melhor - primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos” (JUNG, 2000, p. 16). É composto particularmente por arquétipos (JUNG, 2000).

O conceito de arquétipo intermedia diversas oposições. É gerador de cultura e parte da natureza instintiva, é imutável, porém é singular de acordo com os aspectos do contexto do qual faz parte, é universal mas aparece de acordo com contexto biográfico de cada indivíduo (DANTAS, 2020). À vista disso, esse termo denota um modo herdado



de funcionamento psíquico que transcende a consciência (HARDING, 2019). O arquétipo, é vazio e formal em si, sendo uma possibilidade a priori, sua herança é a forma e não as ideias, é a indicação da existência de formas na psique que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2000).

O arquétipo é na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e o das formigas para se organizar em colônias [...] Ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que eu chamo de arquétipos. A sua origem não é conhecida; e eles se repetem em qualquer época e em qualquer lugar do mundo - mesmo onde não é possível explicar sua transmissão por descendência direta ou por “fecundações cruzadas” resultantes de migrações (JUNG, 2016, p. 83).

Assim, não se tem acesso ao arquétipo em si, mas às representações arquetípicas que são estruturadas por cada pessoa. A imagem é expressão da conjuntura momentânea, tanto consciente como inconsciente. Uma representação arquetípica é diferente de outra imagem comum pois possui numinosidade, uma intensidade paradoxal (DANTAS, 2020).

As imagens arquetípicas são narrativas que funcionam como ideias-força, pois são ideias que possuem energia psíquica, que são intensas e, por isso, possuem uma alta capacidade de mobilização psíquica que distingue uma imagem arquetípica de outras imagens é a sua numinosidade, a intensidade energética que a torna paradoxal. “Psiquicamente falando, aquilo que é mais forte e, portanto, mais temível toma os atributos de “divino” e de “demoníaco”; (...) Cada vez que um acontecimento faz vibrar fortemente a alma, há o perigo de que se rompa o fio que estamos suspensos. Então o ser humano pode cair num “sim” absoluto ou num “não” que também é! (...) O perigo do numinoso é que ele impele aos extremos ...” (DANTAS, 2020, p. 59).

As representações arquetípicas se presentificam nos mitos e contos de fadas, como forma de expressão. Aparecem como temas ou motivos. Dessa forma, os temas são acrônicos e a inflexão compete à cultura (CAMPBELL, 1990). Bolen (2018), aduz que o mito toca temas que fazem parte dessa herança coletiva da humanidade, e, portanto, é o evocador de sentimentos e despertador da imaginação. Nos primórdios, o homem experienciava o mundo através das imagens arquetípicas que se formavam na sua



relação com o cosmo. Assim as narrativas mitológicas serviam como base do pensar e viver nas sociedades (MENEZES, 2003). Campbell (1990), coloca que “Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana”.

A mitologia era o instrumento que Jung utilizava para reconectar os opostos separados pela consciência, pela razão, possuindo a capacidade simbólica de conectar os opostos. Nessa tangente, o conto de fadas e o mito revelam processos inconscientes, e sua narração realiza sempre um rejuvenescimento e recordação do seu conteúdo. Logo, forma uma nova ligação entre a consciência e o inconsciente (DANTAS, 2020).

Pinho (2010) *apud* Eliade (1991), ressalta a relevância da função do símbolo como um instrumento autônomo de conhecimento. O símbolo, o mito, a imagem, pertencem à matéria da vida espiritual. Podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, porém não conseguimos extirpá-los. O simbolismo antecede a linguagem e a razão discursiva, trazendo os prismas mais profundos da realidade, sendo consubstancial ao ser humano. Ainda, é necessário reavivar a imagem e a capacidade de imaginar com dimensão histórica e instintiva, tendo em vista que os símbolos nunca padeceram na atualidade psíquica. Podem mudar o aspecto porém sua função permanece, por mais que a sociedade moderna, por meio de seus valores, tente anulá-los e reduzi-los como meio de sapiência.

### **Quem tem medo de Lilith?**

O sagrado feminino foi progressivamente destituído de sua dualidade, sendo transformado em algo impuro e maligno para a instauração do poder do patriarcado (MACHADO, 2013). Lilith representa o primitivo da mulher que não se entregou ao domínio do homem, reconhecendo-se como igual, e não de forma hierárquica. Assim, inspira medo e abomina tudo que pertence ao domínio do masculino. Martins (2006) cita Koltuv (2002), que traz a concepção de que Lilith manifesta a amargura e o sentimento do feminino desprezado por meio do eterno grito de dor e raiva.

Lilith é a consciência da mulher, a instintividade feminina, a luta por igualdade sexual e social e a busca por uma identidade feminina. Ela denuncia a sociedade patriarcal que submete a mulher a um estado de invalidez perante o homem. É a mulher emancipada e em fuga. A sombra maligna que se colocou em igualdade com os homens, firme em sua vontade superior, porém presa por regras que não pode mudar.



Representa, ao mesmo tempo, o demônio mais temido e o anjo da esperança, pois apesar do esquecimento e da dor almeja restabelecer a ordem transtornada (SILVA, 2014).

Como no mito, em que é banida a viver a eternidade presa no Mar Vermelho, no inconsciente coletivo e individual do ocidente, Lilith é repetidamente temida e banida. Sendo visto como função da mulher estar sempre resistindo à sedução de Lilith, diferente de Eva que aceitou o fruto da serpente (fruta da sabedoria) e levou o homem a sair do paraíso (SILVA, 2014). Para Koltuv (2017), ela se incube de ensinar a trilha do feminino, pela vivência da solidão e da desolação. Tornando-se um aspecto do Eu feminino que é simbolizado pelas corujas, ou seja, pela sabedoria da noite. Logo, por mais que Lilith fosse perigosa para as pessoas completamente inconscientes, para as pessoas que já haviam trilhado o caminho da consciência, o encontro com ela pode ser algo extremamente transformador. Esse mito faz parte da modelagem da identidade feminina, que foi e é reprimida e dissolvida por um sistema patriarcal, sendo um fragmento da Grande Deusa e do feminino (SILVA, 2014 *apud* RIBEIRO, 2012). Lilith é a representação dos aspectos negativos do feminino e sua repressão ocasionou a perda de qualidades femininas, como criatividade, espiritualidade e agressividade, ocasionou o desligamento da mulher com o seu corpo e com a sua sexualidade acarretando doenças somáticas e psíquicas, além disso, gerou a dissociação da maternidade com a sexualidade (SILVA, 2014).

De acordo com Neumann (2000), o inconsciente, o instinto, o sexo e a terra são símbolos do Feminino, fazendo parte do chamado “Feminino Negativo”. A mulher por estar conectada a esse Feminino padece do desprezo masculino. Esse masculino se vê superior à mulher, e esta é vista como a que seduz, a bruxa, e é rejeitada pelo medo ligado ao Feminino primitivo e irracional. Um exemplo disso foi a caça às bruxas ocorrida na Idade Média, que mostra historicamente o temor que é representado no mito de Lilith. Assim como Lilith gerou medo em Adão, as mulheres foram temidas pelos homens e milhares foram mortas na Inquisição. Tal fato histórico mostra a concretização do desejo por domínio do masculino retratado no mito (SILVA, 2014).

Para o homem da sociedade patriarcal, o feminino é visto como confuso, escravizador e sedutor, colocando em risco sua estabilidade e existência. Essa



abominação ao feminino faz com que o homem se torne um ser unilateral, logo, um ser não integrado, possuindo dificuldades consigo mesmo. O medo desse feminino e a sua segregação, causam a crise de medo de que a sociedade patriarcal vive atualmente. Ao reprimir qualidades como sentimento e intuição, características tidas como femininas o homem causa diversas dificuldades em seus relacionamentos profissionais, pessoais e consigo mesmo (SILVA, 2014).

O movimento feminista, principalmente no seu início, rememora a sensação do vago deserto, evocando o sentimento ardente e vingativo da raiva de Lilith diante da supressão patriarcal sobre o feminino, e buscando a destruição de tudo aquilo que as sujeitavam. Unido a esse sentimento, a paixão e o calor de Lilith desabrocham e proliferam uma irmandade “demoníaca”, local de origem de um poderoso criativo e uma energia transformadora (KOLTUV, 2017). Assim, Koltuv (2017), traz que existe a necessidade de escutar e integrar o lado do feminino ligado a Lilith para fortalecer o ego, recuperando o equilíbrio. A Revista Lua Nova publicou uma parábola que é uma releitura dessa narrativa, feita pela teóloga Judith Plashou Goldenberg, que tem como o final da narrativa a união entre Eva e Lilith.

Num primeiro momento, Eva lembrou-se das histórias de Adão e ficou apavorada, mas Lilith compreendeu e cumprimentou-a afavelmente. “Quem é você?”, perguntaram uma à outra. “Qual é a sua história?” Sentaram-se e conversaram sobre o passado e o futuro. Falaram, não uma vez, mas muitas vezes e por muitas horas. Conversaram sobre muitas coisas, contaram histórias, riram e choraram juntas, repetidamente, até que os laços de irmandade se estreitaram entre elas [...] E Deus e Adão ficaram aguardando e temendo o dia em que Eva e Lilith retornassem ao jardim, cheias de possibilidades, prontas para reconstruí-lo juntas (A VOLTA DE LILITH, 1985, p. 54-55).

### **Medo do feminino na contemporaneidade**

Com o exposto, podemos perceber que o princípio do Feminino, em seu aspecto demonizado é visto pelo seu lado negativo. A sexualidade, o poder e a fascinação da mulher, que é posto na atração masculina, é demonizado em seu instinto, colocando em risco o aspecto sombrio da natureza da mulher (MARTINS, 2006). “Os homens ocupam a esfera da liberdade e confinam as mulheres ao âmbito da necessidade” (RUETHER, 1993, p. 68). A esfera de necessidades cotidianas humanas coloca-a próxima ao Diabo.



No entanto, ela gera e nutre a vida, deixando- a próxima do símbolo do Divino, assim sendo mediadora da natureza e da cultura (MARTINS, 2006).

Dessa forma, a mulher fica restrita ao silêncio. Sua expressão social e pessoal é enfraquecida diante da ideia de que seu poder ameaçador pode arrastar o homem para as necessidades do cotidiano, retirando-o do seu local de liberdade. Consequentemente, a feminilidade representa ameaça e inferioridade ao masculino (MARTINS, 2006). Segundo Ruether (1993), a mulher como sendo símbolo da sexualidade, do corpo e da maternidade simboliza a natureza ínfera e má. Martins (2006), mostra que essa representação pouso a mulher no espaço sagrado como profano e demonizado. Assim a escuridão, o fogo e os mistérios ficam confinados ao feminino. Essa imagem sedutora e enganadora da mulher, como Lilith e as bruxas, torna-se uma ameaça à consciência masculina, podendo arrastá-los para o pecado e para a morte.

Campbell (2020), conta a lenda de que a origem do poder mágico residia nas mulheres. Os homens então assassinaram todas as mulheres, mantendo vivas apenas as mais novas que não haviam aprendido ainda o que suas mães sabiam. E assim o homem se apropriou do conhecimento sobre a magia. Essa lenda mostra a forma abrupta e violenta com os homens se apropriaram do poder e da magia, e que eles percebiam como ameaça a mulher possuir o conhecimento e compartilhá-lo. Em um dos mitos sobre Lilith, bem como em diversas gravuras, é narrado que ela teria dado o fruto do conhecimento a Eva resultando na expulsão desta do paraíso (KOLTUV, 2017). Dessa forma, é visto como prenúncio a mulher que possui conhecimento pois ela acarreta mudanças e transformações. Atualmente, a mulher que possui conhecimento ainda é vista como ameaça. Em uma entrevista publicada na Isto É, em 2020, a diretora da ONU Mulheres para Américas e Caribe, Maria-Noel Vaeza, foi questionada sobre o que pensava em relação aos comentários sexistas e misóginos vindos de ministros, autoridades políticas e presidentes em todo o mundo, sua resposta foi:

Olha, quando eu escuto essas expressões de ministros, deputados, presidentes, o que penso é: “esse senhor tem medo das mulheres, se sente inseguro e, por isso, ataca”. E eu gosto que tenham medo. Porque isso significa que sabem que a era da mulher está chegando e que as pessoas que estão no poder hoje não têm preparação. Quando escuto isso, escuto sons de



insegurança e medo. E gosto, porque mostra que estamos vindo com muita força. Essas declarações não me dão medo. Eles que têm medo, por isso atacam (ELES TÊM MEDO..., 2020).

Neumann (2000), no seu livro “O medo do Feminino” observa que o primeiro ano do bebê é uma extensão da vida uterina. O bebê vive psicologicamente dentro da mãe. Ela é a provedora de alimento, cuidado e proteção, assim sendo, o bebê possui uma relação de dependência da mãe no relacionamento primal, ela é o mundo que o cerca e no qual e do qual vive. Naquele momento, o que estabelece essa relação é a proteção e a ausência de medo como a base da existência da criança. Dessa forma, a perda de qualquer “base” para a criança produz medo. Podemos ver esse medo nos homens dentro da sociedade patriarcal, a cada momento em que mulheres assumem locais de poder e de liberdade. Movimentos como o feminismo, estremecem e retiram aos poucos as bases de sustentação do patriarcado, e este, com medo das transformações que poderiam lhe tirar do lugar de dominador, responde com violência.

Visto que na execução do encargo patriarcal, os homens possuem o poder de estabelecer a conduta das categorias sociais, recebendo autorização ou, no mínimo, tolerância do corpo social para penalizar o que lhes apresenta como um desvio. O poder é atribuído a categoria social homens. Cada um dos pertencentes à categoria pode ou não utilizá-lo, ou denegá-lo. Mesmo que não exista nenhuma investida, por parte do dominado, em navegar rotas diferentes das prescritas nas normas sociais, para manter-se na posição de dominação, da categoria social homens, exige-se que sua capacidade de mando seja auxiliada a violência, como pudemos ver que ocorre desde os primórdios (SAFFIOTI, 2001).

Nessa diretriz, na sociedade patriarcal, quando as crianças adentram em grupos com outros meninos de sua idade, saindo do entorno da mãe, inicia se uma construção da masculinidade de acordo com as orientações dos que já foram iniciados, corrigindo e modelando os mais novos que estão em busca do acesso à virilidade. Para tornar-se homem, é necessário então se distinguir do oposto, logo é preciso renunciar e dissociar-se do mundo das mulheres para ganhar os direitos, como os outros homens, no local de privilégio. A ideia dominante é clara: ser homem é ser diferente do outro, é distinto de uma mulher. Como visto anteriormente, o mimetismo na educação do homem é feita através das violências, verbais, físicas, psicológicas que são tidas com amigáveis e



escondem os momentos de choros, decepções e tristezas. Dessa forma, a guerra começa em si mesmo ao podar e suprimir suas questões como forma de ocupar o lugar de dominador. Existe um fantasma do feminino que persegue e amedronta com a ideia de que o homem seja rebaixado do seu local de poder (WELZER-LANG 2001).

Isso posto, compreende-se que para a socialização masculina é necessário não ter características, sentimentos e personalidade associados a mulheres. O feminino é o núcleo de rejeição, o inimigo interior que deve ser impugnado e reprimido. Caso contrário, pode ser assemelhado à mulher e sendo assim tratado como uma. Ou seja, aqueles que não podem comprovar a virilidade e a repressão do feminino são ameaçados a descer ao posto de dominados. Podemos ver isso nos insultos que permeiam o lado da sexualidade, na necessidade de autoafirmação infantil de provar que é homem, no preconceito e violência a homossexuais, principalmente os tidos mais “afeminados” (WELZER-LANG 2001).

Perante essas questões, percebe-se que o feminino mostra a necessidade do amanhecer de uma nova consciência. Após ter sido reprimido por tanto tempo começa a erguer-se no movimento das mulheres (WHITMONT, 1991).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A jornada de ser uma mulher diante de uma sociedade patriarcal que olha de forma reduzida e dominante sobre a mulher é árdua. Como visto, a construção do local de dominada da mulher, e dos aspectos ligados ao feminino, vieram desde os primórdios do patriarcado. Assim, o homem tornou-se o predador e a mulher a caça, a inferior. As características ligadas ao feminino passam a ser rejeitadas, causando um desequilíbrio nas mulheres e homens que não integram esse lado do feminino a si. Toda a necessidade do controle é exercida por meio da violência para uma autoafirmação. Porém, isso vem de uma insegurança do local que se está, e do medo de que essa posição de controle já tão acolchoada seja dissolvida.

Lilith vem como uma representação desse feminino afastado e demonizado. Em sua narrativa, é possível ver como através do mito é passada a ideia do feminino como um demônio que deve ser negado caso não possa ser domado, e como ela levaria ao pecado e a punição a quem desse ouvidos a seus questionamentos e à posições. O local



de construção identitária feminina fica posta como a submissão ao homem, colocando a mulher que não aceita essa posição como bruxa, feminista, ou filha de Lilith. É visível a violência e agressividade do homem que tenta através da força, reafirmar seu local de poder e manter as mulheres acorrentadas. Porém atualmente, com a luta feminista, esse local de submissão é colocado em cheque. Propõe-se compreender esses locais de poder em busca de uma harmonia onde a mulher não seja inferiorizada e punida por ser quem é. A terra, a ecologia, o eros e o princípio feminino chama e seu chamado tem sido ouvido, o canto do feminino tem sido ouvido. O princípio de logos, a razão, a ciência, o poder de controle tem dado sinais de defasagem.

A sociedade precisa passar por uma reforma cultural e social, onde as representações do feminino e tudo que o circunda seja desconstruído/reconstruído/ressignificado, é importante criar espaços de diálogo que sirvam para abrir caminhos à reinvenção de uma sociedade não mais pautada na violência e na dominação, poder e controle, mas fortificadas na harmonia e respeito, no princípio de eros.

Dada a relevância do assunto, considerando que este é um trabalho inicial, torna-se necessário o desenvolvimento de estudos e perspectivas sobre o tema do feminino e como ele se manifesta na sociedade, visando assim compreender como o feminino é posto na contemporaneidade e obter a melhor forma de integrá-lo. Toda transformação inicia e se efetiva através do conhecimento e da aprendizagem, ou seja, é necessário conhecer e entender para autorrealizar e transformar.

## REFERÊNCIAS

A volta de Lilith. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, v.2, n.3, p. 54-55, dez. 1985. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451985000400011&lng=pt &nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000400011&lng=pt &nrm=iso). Acesso em: 02 maio 2020.

BOLEN, Jean Shinoda. **As Deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. 14. ed. São Paulo: Paulus, 2018. (Amor e Psique).

CAMPBELL, Joseph. **Deusas - Os mistérios do Divino Feminino**. 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.



- CAMPBELL, Joseph. **O vôo do pássaro selvagem**: ensaio sobre a universalidade dos mitos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- DANTAS, Andre. **Da antiguidade arquetípica à hipermodernidade consumista**. São Paulo: Clube dos Autores, 2020.
- EISLER, Riane. O poder da parceria. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- ELES têm medo das mulheres, diz diretora regional da ONU. **IstoÉ**, Rio de Janeiro, 28 fev. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/eles-tem-medo-das-mulheres-diz-diretora-regional-da-onu/>. Acesso em: 06 nov. 2020.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FAUR, Mirella. **Círculos Sagrados para mulheres contemporâneas**: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. São Paulo: Pensamento, 2011.
- FERNANDES, L. K. R. Método de Pesquisa Qualitativa: usos e Possibilidades. **Psicologados**, Porto Velho (RO). 2014. Disponível em: <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/introducao/metodo-de-pesquisa-qualitativa-usos-e-possibilidades>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- FRANCO, Luiza. Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'. **BBC News Brasil**, São Paulo, 26 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503> Acesso em: 02 mar. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Todos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlos, 2008.
- GONZÁLES, Rey. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva; revisão técnica: Fernando Luís González Rey. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- HARDING, Mary Esther. **Os Mistérios da Mulher**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2019. (Amor e Psique).
- JESUS, Ester Zuzo de. O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora. **Anagrama**, v. 3, n. 2, p. 1-14, nov. 2009.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Harpercollins Brasil, 2016.
- KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**: o resgate do lado sombrio do feminismo universal. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. **Rev. Antropol**, São Paulo, v.40, n.1, p.149-164, 1997. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-)



77011997000100005. Acesso em: 22 abr. 2020.

LILITH - NÚCLEO DE PESQUISA EM DIREITO E FEMINISMOS. **Histórico**, 2016. Disponível em: <https://lilith.paginas.ufsc.br/sobre/lilith/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MACHADO, Luciana. **Universo de Lilith**. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

MAGALHÃES, Sabrina Peixoto. **O retorno da Deusa na contemporaneidade: Os círculos de Sagrado Feminino a partir da Psicologia Analítica**. Orientador: Carlos Velázquez. 2017. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2017.

MARTINS, Camila Alves. **Faces do Feminino Sagrado: O arquétipo da mulher selvagem**. Orientadora: Zilda Fernandes Ribeiro. 2006. 77 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade ; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MENEZES, Renata Pasini de. **O feminino reprimido: um estudo junguiano sobre a feminilidade**. Orientadora: Maria do Carmo de Lima Meira. 2003. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Faculdade das Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

NARANJO, Claudio. **Coisas que venho dizendo**. São Paulo: Esfera, 2006.

NEUMANN, Erich. **O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina**. São Paulo: Paulus, 2000.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 3, n.20, dez. 2005.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Psicologia USP**, v.16, n.3, p.71-94, 2004.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. Pesquisa em Psicologia Analítica: Reflexões sobre o Inconsciente do pesquisador. **Psicologia USP**, v.17, n.127, p.127-138, 2005.

PINHO, Ana Maria Melo de. **Pintando janelas em muros: a arte como método vivencial de facilitação de grupos populares**. Orientadora: Verônica Morais Ximenes. 2010. 230 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, junho de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>



\_arttext&pid=S0104-44782010000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 maio 2020.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 nov. 2020.

SILVA, Alexander Meireles da . A Redenção De Lilith: O Corpo Feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, [S.l.], v. 2, n. 2, nov. 2012. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2657>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SILVA, Andréa Ventura da. **A Lua Negra: o lado sombrio do Feminino**. Orientadora: Anita Mussi. 2014. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Faculdade Monteiro Lobato, Porto Alegre, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: A construção do masculino: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, ano 9, 2º sem., p.460-482, fev. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635>. Acesso em: 1º nov. 2020.

WHITMONT, Edward C. **O retorno da Deusa**. 8. ed. São Paulo: Summus, 1991.